

Cristina Bruschini
Sandra G. Unbehaum
organizadoras

Gênero, democracia e sociedade brasileira

 *Fundação Carlos Chagas*

editora  34

GÊNERO, DEMOCRACIA
E SOCIEDADE BRASILEIRA

| | |
|--|-----|
| Introdução | 7 |
| 1. Os programas de pesquisa da Fundação Carlos Chagas e sua contribuição para os estudos de gênero no Brasil | 17 |
| <i>Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum</i> | |
| 2. Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero | 59 |
| <i>Nancy Fraser</i> | |
| 3. Teoria política feminista, desigualdade social e democracia no Brasil | 79 |
| <i>Céli Regina Pinto</i> | |
| 4. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira | 97 |
| <i>Bila Sorj</i> | |
| 5. Gênero, cidadania e direitos humanos | 109 |
| <i>Jacqueline Pitanguy</i> | |
| 6. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres | 121 |
| <i>Maria Betânia Ávila</i> | |
| 7. Ações afirmativas como estratégias políticas feministas | 143 |
| <i>Clara Araújo</i> | |
| 8. Gênero e raça | 167 |
| <i>Sueli Carneiro</i> | |
| 9. Educação formal, mulheres e relações de gênero: balanço preliminar da década de 90 | 195 |
| <i>Fúlvia Rosemberg</i> | |
| 10. Gênero: questões para a Educação | 225 |
| <i>Guacira Lopes Louro</i> | |
| 11. Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil | 243 |
| <i>Elza Berquó</i> | |
| 12. A vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea | 267 |
| <i>Claudia Fonseca</i> | |

| | |
|---|-----|
| 13. A politização da violência contra a mulher e o fortalecimento da cidadania | 295 |
| <i>Mireya Suárez e Lourdes Bandeira</i> | |
| 14. Violência contra a mulher e violência doméstica | 321 |
| <i>Heleieth I. B. Saffioti</i> | |
| 15. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? | 339 |
| <i>Helena Hirata</i> | |
| 16. Gênero e saúde: campo em transição | 357 |
| <i>Sonia Corrêa</i> | |
| 17. Benefícios à mãe trabalhadora: conquistas e recuos nas políticas públicas | 389 |
| <i>Marina Ferreira Réa</i> | |
| 18. Sobre sexualidade, gênero, corpo e juventude | 403 |
| <i>Maria Luiza Heilborn</i> | |
| 19. O irônico destino do feminismo psicanalítico: o caso de Melanie Klein | 419 |
| <i>Eli Zaretsky</i> | |
| Sobre os autores e autoras | 441 |

| | |
|---------------|-------|
| N.º CLASSIF.: | _____ |
| N.º AUTOR: | _____ |
| V.: | _____ |
| EX.: | _____ |
| TOMBO: | _____ |

PERFIL DEMOGRÁFICO
DAS CHEFIAS FEMININAS NO BRASIL*

Elza Berquó

* Agradecemos o apoio técnico de Gislaine Aparecida Fonsechi Carvasan por ocasião da apresentação deste trabalho no seminário da Fundação Carlos Chagas em Itu.

Continuam crescendo no país as chefias¹ femininas, como comprovam os dados mais recentes de 1998. De 13.0% em 1970, 15.6% em 1980, e 20.5% em 1991, passaram a representar 26.0% em 1999, ou seja, nos últimos trinta anos praticamente dobrou a intensidade desse fenômeno. Em termos absolutos, 11.648.603 famílias tinham mulheres na sua chefia neste final de século.

Uma certa conformação familiar, em um momento dado, é o resultado de processos estruturais interativos de variadas índoles. Do ponto de vista demográfico, interagem nessa conformação da família os quatro elementos básicos que definem a estrutura e a dinâmica de uma população, a saber, mortalidade, nupcialidade, fecundidade e migração. As alterações nas curvas de mortalidade e seus diferenciais por idade e sexo vão determinar, nas diversas faixas etárias, o volume de homens e mulheres e a respectiva razão de sexos. Esta, por sua vez, associada ao estado conjugal de homens e mulheres, por faixa etária, constitui o pano de fundo do mercado matrimonial para o *quantum* e o tempo da nupcialidade, ou seja, influenciará as chances e a idade ao casar dos solteiros e as de recasar de separados ou viúvos. A evolução dos níveis e padrões da fecundidade vai influenciar o número de filhos e o tamanho da família. A intensidade dos deslocamentos espaciais da população provoca distorções temporárias ou duradouras nas estruturas etárias e por sexo da população, alterando as chances das pessoas de manterem ou constituírem famílias. O vigor dos processos aqui descritos depende, por sua vez, de transformações econômicas, sociais, culturais e comportamentais que vão se sucedendo ao longo do tempo.

Grande número de estudiosos têm contribuído para a análise da chefia feminina no Brasil: Barroso (1978); Berquó (1987); Berquó (1998); Berquó

¹ Vale lembrar as definições de “chefe” nos censos demográficos de 1970, 1980 e 1991 e “pessoa de referência” nas PNADs 1995 e 1998:

1970 – Chefe: a pessoa responsável pelo domicílio.

1980 – Chefe: o morador (homem ou mulher) responsável pelo domicílio, ou pela família, ou que assim fosse considerado pelas demais pessoas que ali residiam.

1991 – Chefe: pessoa (homem ou mulher) responsável pela família.

1995 e 1998 – Pessoa de referência: pessoa responsável pela unidade domiciliar (ou pela família) ou que assim fosse considerada pelos demais membros.

e Oliveira (1990); Berquó e Cavenaghi (1988); Berquó e Loyola (1984); Berquó, Oliveira e Cavenaghi (1990); Berquó e Oliveira (1992); Castro (1989) e (1992); Greene (1992); Madeira e Wong (1988); Merrick e Schrink (1978); Oliveira (1992); Oliveira e Berquó (1988); Scott (2000). O propósito deste trabalho é atualizar as informações a respeito dessas mulheres que chefiam suas famílias².

Uma chefia feminina tem vários significados: uma mulher solteira separada ou viúva, com filhos, tendo ou não parentes e/ou agregados em casa; mulher solteira, separada ou viúva, sem filhos morando em casa, ou porque não os teve, ou porque, adultos, já saíram de casa ou já faleceram tendo ou não parentes e/ou agregados vivendo no domicílio; mulher solteira, separada ou viúva, morando sozinha, ou mulher casada chefiando a família mesmo tendo um marido ou companheiro em casa.

O crescimento das chefias femininas é generalizado em todas as cinco grandes regiões do país (Tabela 1), destacando-se, de um lado, o Centro-Oeste, pelo aumento de 35% nos últimos dez anos e, de outro, a região Sul, que a despeito de acompanhar o crescimento geral, continua mantendo o menor percentual, bem abaixo da média nacional.

Em que pese ser mais freqüente nas cidades do que nas áreas rurais é nestas onde o aumento foi mais acentuado, da ordem de 38%, entre 1991 e 1998, e de 76% entre 1970 e o final do século (Tabela 2).

Tabela 1
PROPORÇÃO DE MULHERES CHEFES,
POR GRANDES REGIÕES E SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO.
BRASIL, 1991 E 1998.

| | 1991 | | | 1998 | | |
|--------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | Urbano | Rural | Total | Urbano | Rural | Total |
| N | 23,8 | 9,2 | 8,8 | 28,8 | (*) | 28,8 |
| NE | 26,3 | 14,8 | 22,3 | 30,9 | 19,1 | 27,0 |
| CO | 22,2 | 6,9 | 19,5 | 29,4 | 12,3 | 26,3 |
| SE | 21,9 | 10,4 | 20,7 | 27,5 | 15,3 | 26,2 |
| S | 20,6 | 9,0 | 17,8 | 25,1 | 11,2 | 22,2 |
| Brasil | 22,8 | 11,7 | 20,5 | 28,0 | 16,2 | 25,8 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

(*) Porcentagem não calculada porque esta PNAD exclui a população rural dos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima.

² Serão considerados aqui apenas domicílios particulares com uma só família, o que correspondeu, em 1998, a 93% do total de domicílios.

Tabela 2
PROPORÇÃO DE CHEFIAS FEMININAS
POR SITUAÇÃO DOMICILIAR.
BRASIL, 1970, 1980, 1991 E 1998.

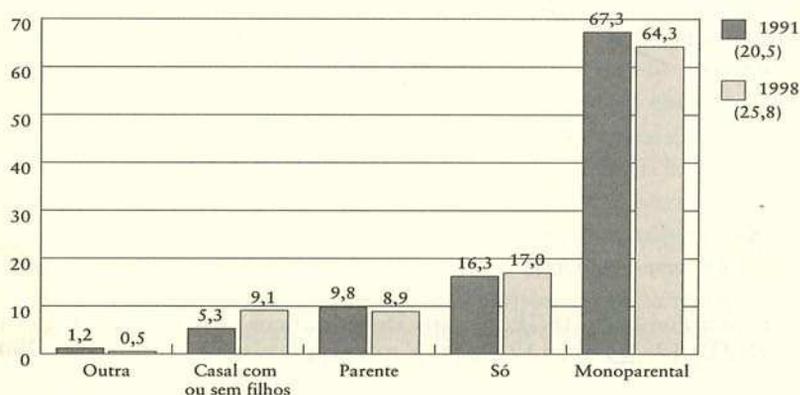
| | Urbano | Rural | Total |
|------|--------|--------|-------|
| 1970 | 15,7 | 9,2 | 13,0 |
| 1980 | 18,0 | 9,9 | 15,6 |
| 1991 | 22,8 | 11,7 | 20,5 |
| 1998 | 28,0 | 16,2 * | 25,8 |

Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

(*) Esta PNAD exclui a população rural dos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima.

O exame dessas estruturas domésticas com chefias femininas mostra que quase dois terços são do tipo monoparental, isto é, a mãe e seus filhos, com ou sem parentes e agregados, morando no mesmo domicílio (Gráfico 1). Em seguida, estão as mulheres que moram sozinhas, respondendo por 17,0% do total de arranjos. O pequeno declínio das monoparentais, observado em 1998, foi, em parte, compensado pelo aumento da proporção de mulheres chefiando a casa, mesmo na presença do marido ou companheiro, a qual praticamente dobrou na última década.

Gráfico 1
CHEFIAS FEMININAS, SEGUNDO TIPOS DE ARRANJOS.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

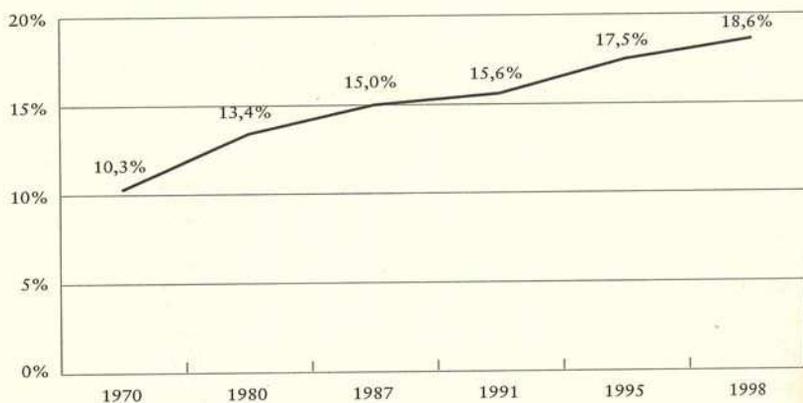
Desagregando-se essa informação por situação do domicílio, nota-se que esse crescimento foi tipicamente urbano (Tabela 3). O resultado pode estar refletindo desde a situação em que a mulher é a única ou a mais importante provedora da família até um ligeiro indício de maior simetria de gênero no casal.

Tabela 3
CHEFIAS FEMININAS, SEGUNDO TIPO DE ARRANJO,
POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO.
BRASIL, 1991 E 1998.

| | | Outra | Casal com ou sem filhos | Parente | Só | Mono- parental |
|--------|------|-------|----------------------------|---------|------|-------------------|
| Urbano | 1991 | 1,2 | 5,4 | 9,8 | 16,5 | 67,0 |
| | 1998 | 0,6 | 9,9 | 8,8 | 17,1 | 63,8 |
| Rural | 1991 | 0,8 | 4,6 | 9,3 | 15,5 | 69,9 |
| | 1998 | 0,5 | 3,8 | 9,8 | 16,9 | 69,0 |

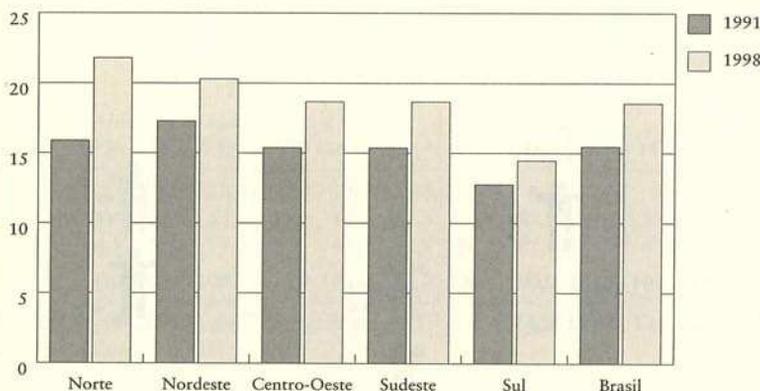
Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Gráfico 2
ARRANJOS MONOPARENTAIS NO TOTAL DE ARRANJOS.
BRASIL, 1970 A 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991, PNADs 1987, 1995 e 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Gráfico 3
PROPORÇÃO DE ARRANJOS MONOPARENTAIS
NO TOTAL DE ARRANJOS, POR GRANDES REGIÕES.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

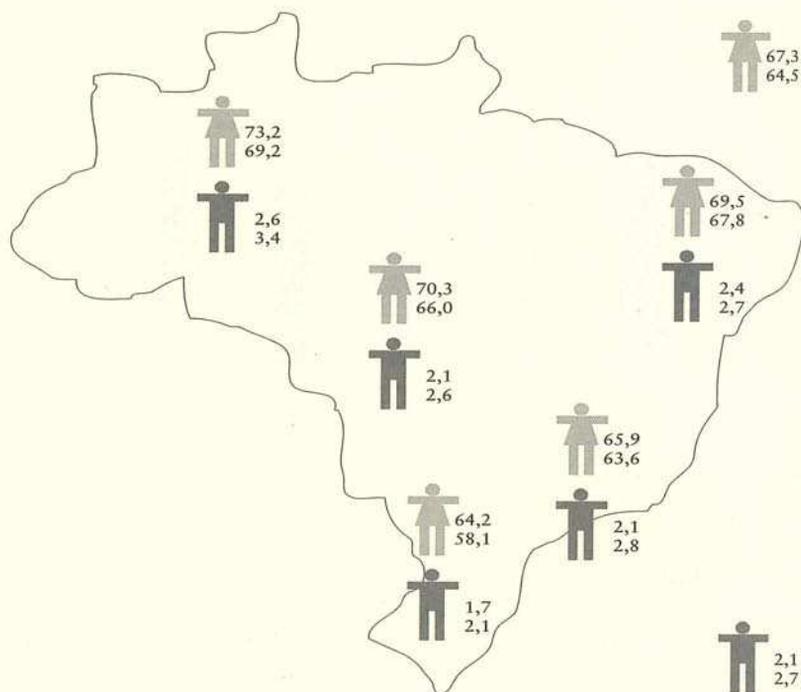
Se por um lado, como já foi mencionado anteriormente, as monoparentais representaram 64.5% das chefias femininas, em 1998, às masculinas corresponderam apenas 2.7%. Todavia, esse valor significa um aumento de 28.6% em relação a 1991. Ou seja, guardadas as grandes diferenças de níveis, a tendência parece ser que enquanto declinam as monoparentais femininas, crescem as masculinas. Vários fatores podem ser evocados para explicar esse aumento; entre outros, o crescimento do número de pais assumindo a guarda dos filhos ou o crescimento do número de pais solteiros, levando-se em conta que 36.7% estavam separados e 8.4% são solteiros.

Vale salientar que a maior participação masculina na chefia monoparental verificou-se em todas as cinco grandes regiões do país, destacando-se novamente a região Norte, com um crescimento de 30.8% (Gráfico 4).

Outro olhar sobre a questão revela que dos 15.6% de arranjos monoparentais presentes em 1991, 89.0% eram chefiados por mulheres, cabendo aos homens 11.0% dessas chefias. Esse quadro praticamente não se alterou, em 1998, com relação aos 18.6% de arranjos do mesmo tipo.

O tamanho das monoparentais se reduziu na última década, passando de 2.4 para 2.2 pessoas, principalmente pelo efeito do continuado declínio da fecundidade em todo o país, uma vez que diminuiu, como já mencionado, a presença de parentes e agregados no domicílio.

Gráfico 4
 PROPORÇÃO DE CHEFIAS MONOPARENTAIS
 NO TOTAL DE CHEFIAS, POR GRANDES REGIÕES.
 BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DAS MONOPARENTAIS CHEFIADAS POR MULHERES

IDADE

As chefes de monoparentais são cada vez mais jovens. De uma idade mediana de 50 anos em 1970, nesta última década não ultrapassarão os 44 anos. Esse rejuvenescimento é, em parte, explicado pela composição conjugal desse segmento: a viuvez que caracterizava, em 1970, 63.3% dessas chefias, passa a representar apenas 36.6%, em 1995³, ao passo que

³ Incluiu-se a PNAD 1995 para tratar do estado conjugal, uma vez que esta informação não está disponível na PNAD 1998.

as separações de 27.3% saltaram para 49.2%, no mesmo período (Tabela 4).

Tabela 4
MULHERES CHEFES EM ARRANJOS MONOPARENTAIS,
SEGUNDO ESTADO CONJUGAL E IDADE.
BRASIL, 1970, 1991 E 1995.

| Estado conjugal | Menos de 40 anos | | | 40 a 59 anos | | | 60 anos e mais | | | Total | | |
|-----------------|------------------|-------|-------|--------------|-------|-------|----------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | 1970 | 1991 | 1995 | 1970 | 1991 | 1995 | 1970 | 1991 | 1995 | 1970 | 1991 | 1995 |
| Solteiro | 22,2 | 37,4 | 28,0 | 6,4 | 9,6 | 4,8 | 2,3 | 4,7 | 2,9 | 9,4 | 20,2 | 14,2 |
| Sep./Div./Desq. | 43,5 | 51,3 | 63,0 | 27,1 | 42,5 | 52,3 | 9,5 | 12,9 | 14,2 | 27,3 | 40,4 | 49,2 |
| Viúvo | 34,3 | 11,3 | 9,0 | 66,5 | 47,9 | 42,9 | 88,2 | 82,4 | 82,9 | 63,3 | 39,4 | 36,6 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1995; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Já havíamos mostrado (Berquó, 1998) que as chefes de monoparentais são mais jovens do que as de outros tipos de arranjos familiares e mais velhas do que as que vivem com seus maridos ou companheiros e filhos. Os dados da Tabela 5 vêm confirmar, para 1998, os achados anteriores. Enquanto 41.6% das monoparentais têm menos de 40 anos, apenas 19.8% das chefes de outros arranjos estão nessa faixa etária, proporção que sobe a 58.6% para as casadas. Esta diferença etária explica-se, a nosso ver, pelas distintas trajetórias de vida dessas mulheres. Comparando-se suas idades com as daquelas que se encontram casadas, deve-se levar em conta que para fazer parte de uma monoparental a mulher casou, teve filhos, separou-se ou enviuvou (situação envolvendo 85.8% dessas mulheres, conforme Tabela 4) e não voltou a casar-se, o que requer, em média, mais tempo.

Quanto às chefes de outros arranjos sem filhos, essa situação pode resultar de celibato ou de casamentos desfeitos por separação ou viuvez, nos quais ou não houve filhos ou estes, já adultos, saíram de casa, ou já faleceram. Esse variado conjunto de situações corresponde a mulheres em ciclos vitais, em média, mais avançados. Reforça esse suposto o fato de que parte considerável desses arranjos, isto é, 65%, correspondem, segundo a PNAD 1998, a mulheres morando sozinhas, 56% das quais já entradas na terceira idade.

ESCOLARIDADE

As chefes de monoparentais apresentam um grau de analfabetismo superior ao da população feminina em geral. De fato, enquanto foram, segundo o Censo 91 e a PNAD-98, de 18.8% e 14.0%, respectivamente, as

proporções de analfabetas na população total feminina, estas corresponderam, pela ordem, a 26.6% e 21.2%, para as chefias de monoparentais (Gráfico 5). Superiores àquelas, são, entretanto, menores do que as referentes às mulheres chefes de outros arranjos, que registraram, segundo o Censo 91 e a PNAD-98, 31.8% e 28.6% de analfabetas, respectivamente.

Tabela 5
MULHERES EM DIFERENTES SITUAÇÕES FAMILIARES
CONFORME A IDADE.
BRASIL, 1970, 1980, 1991 E 1998.

| Grupos de idade | Mulheres com marido e filhos | Mulheres chefes de monoparentais | Mulheres chefes de outros arranjos familiares sem filhos |
|------------------|------------------------------|----------------------------------|--|
| 1970 | | | |
| Menos de 40 anos | 64,0 | 24,9 | 18,5 |
| 40 a 59 anos | 32,6 | 53,1 | 36,1 |
| 60 anos ou mais | 3,4 | 22,0 | 45,4 |
| Total | 100,0 (12.150.196) | 100,0 (1.415.431) | 100,0 (713.094) |
| 1980 | | | |
| Menos de 40 anos | 64,7 | 37,1 | 24,3 |
| 40 a 59 anos | 31,6 | 42,8 | 29,7 |
| 60 anos ou mais | 3,7 | 20,1 | 46,0 |
| Total | 100,0 (16.833.900) | 100,0 (2.182.456) | 100,0 (1.426.206) |
| 1991 | | | |
| Menos de 40 anos | 63,6 | 42,1 | 23,1 |
| 40 a 59 anos | 31,8 | 38,4 | 26,3 |
| 60 anos ou mais | 4,5 | 19,5 | 50,5 |
| Total | 100,0 (22.874.620) | 100,0 (5.162.857) | 100,0 (2.095.330) |
| 1998 | | | |
| Menos de 40 anos | 58,6 | 41,6 | 19,8 |
| 40 a 59 anos | 36,2 | 37,9 | 27,2 |
| 60 anos ou mais | 5,2 | 20,5 | 53,0 |
| Total | 100,0 (25.191.065) | 100,0 (7.507.016) | 100,0 (3.090.001) |

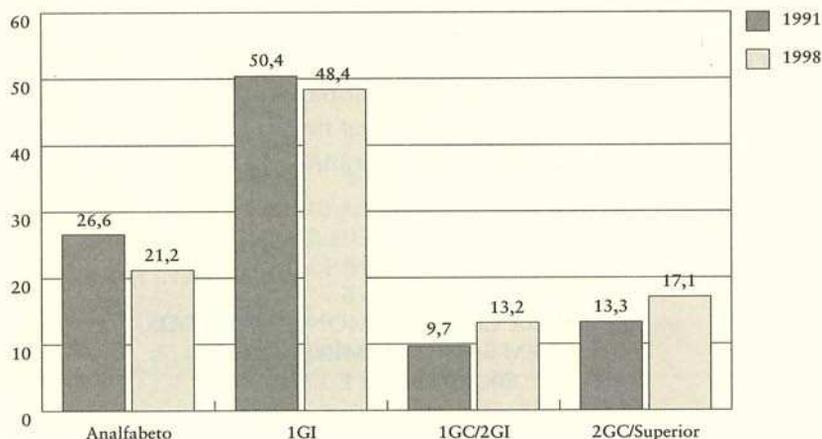
Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Essas discrepâncias são explicadas, em grande medida, pelas diferenças etárias entre esses três grupos de mulheres, pois, como já visto, as che-

fias monoparentais são mais jovens do que as que chefiam outros arranjos e mais velhas do que as casadas.

O Gráfico 5 mostra que houve ganhos na última década, crescendo as proporções correspondentes às categorias mais altas de escolaridade, as quais passaram de 13.3% para 17.1%, ou seja, um crescimento de 28.6.

Gráfico 5
ESCOLARIDADE DA CHEFIA FEMININA
DE FAMÍLIAS MONOPARENTAIS.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabelações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

RENDIMENTO

As mulheres sem marido e com filhos são as mais pobres. Em 1998, 45.2% viviam sem rendimentos⁴ ou com menos de um salário mínimo e apenas 23.1% tinham três ou mais salários. Essa situação representa uma melhora, em confronto com a situação em 1991, que registrava 57.2% de mulheres não alcançando um salário para sobreviver, somente 13.5% pertencendo à categoria de três ou mais salários mínimos (Gráfico 6).

Esse quadro é agravado no Nordeste onde, mesmo em 1998, 60.2% das chefias femininas encontravam-se mais vulneráveis (Tabela 6). Mes-

⁴ A soma do rendimento mensal proveniente de todas as fontes (ocupação principal, outras ocupações, aposentadoria/pensão, outras fontes) apresentado pelas pessoas de 10 anos ou mais de idade.

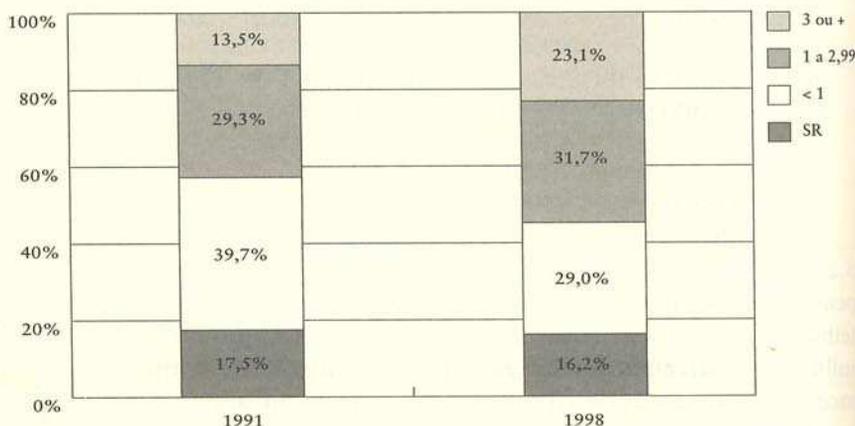
mo nas regiões sul e sudeste, há ainda contingentes de 33.0% e 38.2%, respectivamente, com rendimentos abaixo do mínimo.

Quando se contrasta a situação de rendimento das chefes de monoparentais com a da chefia de outros arranjos, verifica-se que aquelas são as mais pobres.

De fato, tabulações especiais do Censo 91 e da PNAD-98 mostram que 50.3% das chefes de outros arranjos não possuíam, em 1991, rendimentos que alcançassem um salário mínimo, valor que se reduz a 38.5%, em 1998. Já o confronto das monoparentais com a renda do chefe de famílias compostas por casais com ou sem filhos, usando a mesma fonte de dados, reforça ainda mais a vulnerabilidade das chefias monoparentais, pois de 28.8%, em 1991, cai para 21.2%, em 1998, a porcentagem dos que viviam com menos de um salário mínimo.

Essa situação desfavorável às monoparentais ganha força quando se leva em conta que o número de pessoas nessas famílias é bem maior do que naquelas constituídas por outros arranjos chefiados por mulheres (Tabela 7).

Gráfico 6
RENDA DA CHEFE DE MONOPARENTAIS,
EM SALÁRIOS MÍNIMOS.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Tabela 6
RENDA DA CHEFE DE MONOPARENTAIS,
EM SALÁRIOS MÍNIMOS, POR GRANDES REGIÕES.
BRASIL, 1991 E 1998.

| | 1991 | | | | 1998 | | | |
|----|--------------|--------|----------|--------------|--------------|--------|----------|--------------|
| | Sem renda | < 1 SM | 1 a 2,99 | 3 ou + SM | Sem renda | < 1 SM | 1 a 2,99 | 3 ou + SM |
| N | 26,8 | 33,6 | 28,4 | 11,1 | 20,4 | 31,9 | 28,5 | 19,2 |
| NE | 21,2 | 53,8 | 18,6 | 6,5 | 18,5 | 41,7 | 27,6 | 12,2 |
| CO | 18,3 | 35,5 | 30,8 | 15,4 | 15,9 | 27,4 | 33,7 | 23,0 |
| SE | 15,0 | 32,1 | 35,0 | 18,0 | 15,3 | 22,9 | 32,6 | 29,1 |
| S | 13,3 | 39,1 | 33,4 | 14,2 | 12,0 | 21,0 | 38,2 | 28,8 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Tabela 7
TAMANHO DE ARRANJOS FAMILIARES
CHEFIADOS POR MULHERES, POR TIPO DE ARRANJO.
BRASIL, 1998.

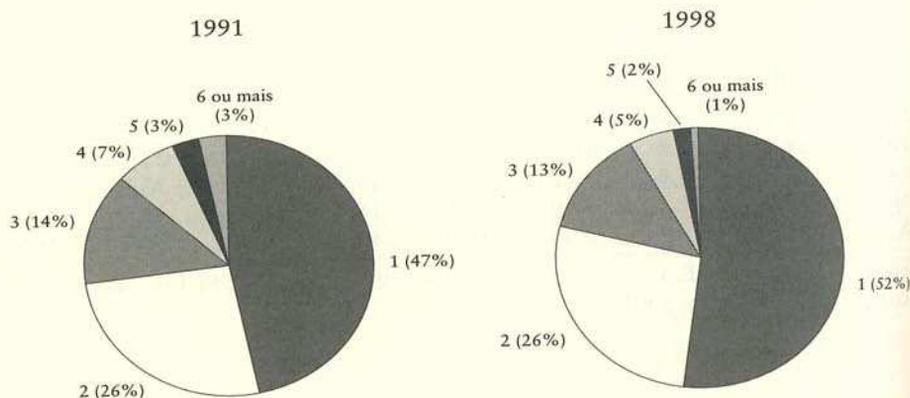
| Tamanho do arranjo | Monoparental | Outros arranjos sem filhos |
|-----------------------|--------------|-------------------------------|
| 1 | - | 64,4 |
| 2 | 40,4 | 22,4 |
| 3 | 31,3 | 8,6 |
| 4 | 16,6 | 3,0 |
| 5 | 6,8 | 0,9 |
| 6 | 2,8 | 0,5 |
| 7 ou mais | 2,2 | 0,1 |
| Total | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Fundação IBGE, PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

A distribuição do número de filhos das monoparentais alterou-se pouco entre 1991 e 1998, concentrando-se em poucos filhos (Gráfico 7).

Focalizando conjuntamente rendimento e tamanho da família, a Tabela 8 mostra, para um fixado tamanho de família, a proporção dessas chefias que não têm rendimentos ou não contam sequer com um salário mínimo. Como se vê, para qualquer tamanho de família fixado, é sempre mais vulnerável a situação das chefias monoparentais.

Gráfico 7
NÚMERO DE FILHOS DAS FAMÍLIAS
MONOPARENTAIS DE CHEFIAS FEMININAS.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Tabela 8
PROPORÇÃO DE CHEFIAS SEM RENDIMENTO
OU COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO, POR TIPO DE
CHEFIA, SEGUNDO TAMANHO DO ARRANJO FAMILIAR.
BRASIL, 1998.

| Tamanho do arranjo | Casal com ou sem filhos | Chefia feminina | |
|--------------------|-------------------------|-----------------|----------------------------|
| | | Monoparental | Outros arranjos sem filhos |
| 2 | 23,5 | 47,8 | 41,4 |
| 3 | 19,2 | 42,1 | 40,6 |
| 4 | 16,4 | 42,8 | 42,8 |
| 5 ou mais | 24,5 | 47,5 | 38,3 |

Fonte: Fundação IBGE, PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

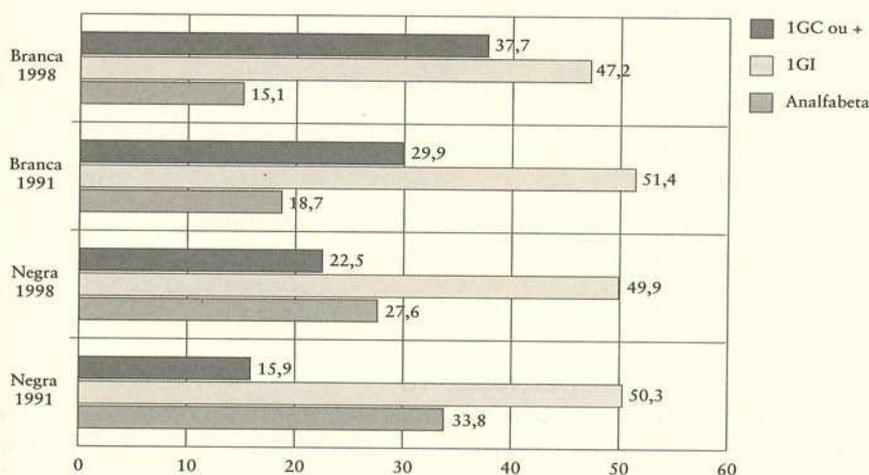
COR

No total da população branca feminina, 13% eram chefes, em 1991, proporção que abrange 14.1% para as negras. Esses percentuais crescem em 1998, ou seja, passam, respectivamente, a 17.3% e 18.6%. No conjunto das chefias femininas negras as monoparentais representaram 71.9%,

em 1991, e 69.6%, em 1998, valores superiores aos correspondentes às chefiãs brancas, que foram iguais, pela ordem, a 63.4% e 60.2%.

As chefes negras possuem escolaridade mais baixa do que as brancas (Gráfico 8), destacando-se a alta proporção de analfabetas, 27.6%, em 1998, em contraste com os 15.1% dentre as brancas. Vale notar que na última década praticamente não se alterou a proporção com 1º grau incompleto, girando em torno de 50%. O diferencial, por cor, está nos dois extremos do gradiente de escolaridade.

Gráfico 8
CHEFIAS FEMININAS DE MONOPARENTAIS,
POR ESCOLARIDADE, SEGUNDO COR.
BRASIL, 1991 E 1998.



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Quanto ao estado conjugal das monoparentais por cor, há proporcionalmente mais mães solteiras chefiando monoparentais entre as mulheres negras, 23.2%, do que entre as brancas, 17.1%.

COR, ESTADO CONJUGAL E ESCOLARIDADE

A Tabela 9 aloca, para 1991, todas as chefiãs femininas de monoparentais segundo a cor, o estado conjugal e a escolaridade dessas mulheres. Por serem mais velhas, as viúvas concentram o maior percentual de analfabetas, seguidas pelas separadas, afetando mais as negras do que as bran-

cas. São as separadas as que possuem o maior grau de escolaridade, tanto entre as negras quanto entre as brancas, representando para estas últimas o dobro do registrado para as primeiras.

Tabela 9
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE
CHEFIAS FEMININAS DAS MONOPARENTAIS,
POR COR, ESTADO CONJUGAL E ESCOLARIDADE.
BRASIL, 1991.

| Cor | Escolaridade | Solteira | Separada | Viúva | Total |
|--------|--------------|----------|----------|-------|-------|
| Negra | Analfabeta | 2,4 | 5,3 | 9,3 | |
| | 1GI | 6,5 | 10,8 | 8,0 | |
| | 1GC e mais | 2,7 | 4,1 | 1,2 | |
| Branca | Analfabeta | 0,9 | 2,4 | 6,2 | |
| | 1GI | 4,3 | 9,8 | 11,3 | |
| | 1GC e mais | 3,3 | 8,1 | 3,4 | |
| Total | | | | | 100,0 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

COR, ESCOLARIDADE, ESTADO CONJUGAL E RENDIMENTO

As chefias de monoparentais mais pobres são analfabetas, independentemente da cor. Essa situação é mais acentuada entre as solteiras, dentre as quais 81.0% vivem sem rendimento ou com menos de um salário mínimo (Tabela 10). Para aquelas chefias com pelo menos primeiro grau completo, as solteiras são as mais pobres, seguidas das separadas e, por fim, das viúvas, com as negras sempre em piores condições. Essa situação pode ser explicada pelo fato de essas viúvas contarem eventualmente com pensões deixadas pelos maridos, maiores para as brancas do que para as negras.

A escolaridade é, para essas chefias, um primeiro marcador da pobreza, seguida pelo estado conjugal, com um diferencial racial.

A Tabela 10 contém também o tamanho médio da família monoparental levando-se em conta cor, escolaridade e estado conjugal da chefe. Nota-se, em primeiro lugar, que as famílias negras são maiores do que as brancas, que em ambas o tamanho diminui com o aumento da escolaridade, que as separadas e viúvas chefiam famílias maiores do que aquelas chefiadas por mulheres solteiras.

Tabela 10
PROPORÇÃO DE CHEFIAS FEMININAS MONOPARENTAIS
SEM RENDIMENTO OU COM MENOS DE 1SM,
SEGUNDO COR, ESTADO CONJUGAL E ESCOLARIDADE.
BRASIL, 1991.

| Cor | Escolaridade | Solteira | Separada | Viúva |
|--------|--------------|----------|----------|---------|
| Branca | Analfabeta | 81,2 | 73,4 | 78,4 |
| | | 2,9 | 3,5 | 3,3 (*) |
| | 1GI | 73,8 | 60,1 | 53,7 |
| | | 2,5 | 3,3 | 3,3 (*) |
| | 1GC e + | 40,0 | 24,0 | 10,1 |
| | | 2,3 | 2,9 | 3,1 (*) |
| Negra | Analfabeta | 81,0 | 76,0 | 75,8 |
| | | 3,2 | 3,8 | 3,7 (*) |
| | 1GI | 76,9 | 74,2 | 55,9 |
| | | 2,7 | 3,5 | 3,8 (*) |
| | 1GC e + | 47,0 | 30,2 | 21,4 |
| | | 2,5 | 3,1 | 3,6 (*) |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

(*) Tamanho médio da família.

Para finalizar esta breve radiografia das chefias femininas de monoparentais, procuramos ver a composição das mesmas para três classes de rendimentos, ou seja, sem rendimentos ou até um, de um até 2.99, e três ou mais salários mínimos, para 1991 e 1998. A análise da Tabela 11 mostra, para 1991, que quando se contrastam as três classes de rendimentos, na de menor valor predominam as negras (59.1%), situação que se inverte quando se passa para o grupo com maior renda (73.5% são brancas). Também é maior, entre as mais pobres, a proporção de analfabetas, a qual passa de 36.7% para 3.2%, com o aumento do rendimento. Chama a atenção também os 15.5% de chefes menores de 25 anos na classe mais pobre, valor que descende a apenas 2.6% para aquelas que contam com 3 ou mais salários mínimos. Quanto à idade mediana, os três grupos diferem muito pouco. É também mais elevada a proporção de chefias solteiras dentre as mais pobres, valor declinante com o aumento dos rendimentos. O tamanho médio da família, bem como o número médio de filhos, declinam ligeiramente com a renda.

Tabela 11
CHEFIAS FEMININAS DE MONOPARENTAIS, SEGUNDO
RENDIMENTO, PARA UM CONJUNTO DE CARACTERÍSTICAS.
BRASIL, 1991 E 1998.

| Características | 1991 | | | 1998 | | |
|-------------------------------------|------------------|----------------------|-------------------|------------------|----------------------|-------------------|
| | < 1SM (57,2%) | 1 a -2,99 (29,3%) | 3 ou + (13,5%) | < 1SM (45,2%) | 1 a -2,99 (31,7%) | 3 ou + (23,1%) |
| Cor | | | | | | |
| Branca | 40,9 | 54,0 | 73,5 | 40,0 | 51,5 | 70,8 |
| Negra | 59,1 | 46,0 | 26,5 | 60,0 | 48,5 | 29,2 |
| Escolaridade | | | | | | |
| Analfabeta | 36,7 | 16,7 | 3,2 | 31,9 | 17,9 | 5,0 |
| 1GI | 52,4 | 57,5 | 30,1 | 51,4 | 55,7 | 33,0 |
| 1GC e + | 10,9 | 25,8 | 66,7 | 16,6 | 26,4 | 62,0 |
| Idade | | | | | | |
| 10-24 | 15,5 | 7,6 | 2,6 | 20,3 | 8,4 | 2,8 |
| 25-34 | 19,0 | 23,0 | 20,0 | 17,7 | 20,9 | 15,8 |
| 35-49 | 25,0 | 37,0 | 46,8 | 23,0 | 36,2 | 45,1 |
| 50-64 | 25,6 | 23,4 | 22,9 | 21,6 | 22,8 | 24,8 |
| 65 e + | 14,9 | 9,2 | 7,7 | 17,4 | 11,7 | 11,4 |
| Idade mediana (em anos) | 44,3 | 42,9 | 43,8 | 42,8 | 43,6 | 45,4 |
| Estado conjugal | | | | | | |
| Solteira | 23,0 | 18,4 | 14,1 | (*) | (*) | (*) |
| Separada/Divorciada | 36,9 | 42,5 | 50,6 | (*) | (*) | (*) |
| Viúva | 40,1 | 39,1 | 35,2 | (*) | (*) | (*) |
| Tamanho médio da família | 3,36 | 3,26 | 3,11 | 3,09 | 3,08 | 2,99 |
| Número médio de filhos | 2,05 | 2,06 | 1,85 | 1,81 | 1,90 | 1,74 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNAD 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

(*) Dado não disponível na PNAD 1998.

O cenário em 1998 manteve, quanto à escolaridade, as mesmas características verificadas em 1991, atenuadas, em parte, pela melhoria ocorrida na área da educação em todo o país, na última década. No que se refere à cor das chefiadas, nada mudou, continuando as negras as mais pobres. Quanto à idade, cresceu na classe menos favorecida a chefia de mulheres jovens. O tamanho médio da família decresceu em relação aos correspondentes em 1991 e pouco em função da renda. O número médio de filhos também declinou, mantendo valores sempre inferiores àqueles de 1991.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DAS MONOPARENTAIS CHEFIADAS POR HOMENS

Pouco se conhece até o momento sobre os homens que chefiam monoparentais. O crescimento de 2.1% para 2.7% da proporção nacional de chefias masculinas de monoparentais, entre 1991 e 1998, verificado também nas cinco grandes regiões do país, estimula a caracterização dessas chefias, em que pese seu reduzido volume em termos absolutos, ou seja, 899.621, em 1998.

Trata-se de homens maduros, com idade mediana, em 1998, igual a 53.5 anos (Tabela 12a). Um quarto dessas chefias constitui-se de analfabetos e somente 23.5% alcançaram pelo menos o primeiro grau completo (Tabela 12b). No que se refere a rendimento, 30.7% vivem sem rendimento ou com no máximo um salário mínimo por mês (Tabela 12c). Embora venha crescendo a proporção de separados, o contingente de viúvos ainda é majoritário, isto é, corresponde a 49.2% (Tabela 12d). No que se refere ao tamanho dessas famílias, as mais frequentes são as de tamanho 2, ou seja, o pai e um(a) filho(a) (Tabela 12e). Quanto ao número de filhos (Tabela 12f), quatro ou mais não chegam a atingir 10.0%. A grande maioria dessas famílias tem só um filho vivendo com o pai (57.5%).

Tabela 12
DISTRIBUIÇÃO DE CHEFIAS MASCULINAS DE MONOPARENTAIS.
BRASIL, 1991 E 1998.

| 12a) IDADE | | | 12b) ESCOLARIDADE | | |
|-----------------------|---------|---------|-------------------|---------|---------|
| Idade | 1991 | 1998 | Escolaridade | 1991 | 1998 |
| < 20 anos | 0,5 | 0,7 | Analfabeto | 34,5 | 25,9 |
| 20-39 anos | 19,3 | 22,6 | 1GI | 49,6 | 50,6 |
| 40-59 anos | 40,5 | 39,5 | 1GC ou + | 15,9 | 23,5 |
| 60 anos ou + | 39,7 | 37,2 | | | |
| Total | 100,0 | 100,0 | Total | 100,0 | 100,0 |
| Nº de casos | 638.902 | 899.621 | Nº de casos | 638.830 | 897.656 |
| Idade mediana em anos | 54,2 | 53,5 | | | |

| 12c) RENDIMENTO | | | 12d) ESTADO CONJUGAL | | |
|-----------------|---------|---------|----------------------|---------|---------|
| Renda | 1991 | 1998 | Estado conjugal | 1991 | 1995 |
| SR < 1SM | 42,7 | 30,7 | Solteiro | 8,4 | 4,4 |
| 1 a 2,99SM | 35,2 | 34,0 | Separado/Divorciado | 36,9 | 46,4 |
| 3SM ou + | 22,1 | 35,3 | Viúvo | 54,7 | 49,2 |
| Total | 100,0 | 100,0 | Total | 100,0 | 100,0 |
| Nº de casos | 628.679 | 882.083 | Nº de casos | 603.629 | 768.341 |

| 12e) TAMANHO DA FAMÍLIA | | | 12f) NÚMERO DE FILHOS | | |
|-------------------------|---------|---------|-----------------------|---------|---------|
| Tamanho da família | 1991 | 1998 | Número de filhos | 1991 | 1998 |
| 2 | 36,1 | 45,0 | 1 | 50,9 | 57,5 |
| 3 | 27,0 | 27,1 | 2 | 23,3 | 22,7 |
| 4 | 16,7 | 14,9 | 3 | 12,5 | 11,3 |
| 5 | 10,0 | 7,2 | 4 | 6,8 | 4,9 |
| 6 | 4,8 | 3,6 | 5 | 3,2 | 2,3 |
| 7+ | 5,3 | 2,2 | 6+ | 3,3 | 1,3 |
| Total | 100,0 | 100,0 | Total | 100,0 | 100,0 |
| Nº de casos | 654.442 | 898.776 | Nº de casos | 654.442 | 898.776 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991 e PNADs de 1995 e 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

Como se pode apreciar na Tabela 13, as famílias monoparentais chefiadas por mulheres são mais pobres do que aquelas chefiadas por homens. De fato, para um mesmo tamanho de família, é sempre superior para as chefes o percentual que vive sem rendimento ou com menos de um salário mínimo por mês.

Para famílias de 2 pessoas, ou seja, a mãe (ou o pai) e um(a) filho(a), é de 47.9% a proporção de mães nesta categoria, em contraste com os 31.1% dos pais.

As famílias de tamanho 3, onde a composição mãe e 2 filhos — ou pai e 2 filhos — representa 75% desses arranjos de três pessoas, apresentam 42.1% das chefes vivendo sem renda ou com no máximo um salário mínimo, em contraposição aos 28.6% dos chefes.

Nas famílias maiores, de seis membros, por exemplo, onde a composição mãe e 5 filhos ou pai e 5 filhos continua majoritária, representando 57.2% e 58.7%, respectivamente, o contraste quanto ao rendimento mensal é muito grande, ou seja, 49.3% das chefes e 27.8% dos chefes estão na categoria mais vulnerável de renda.

Finalmente, no que se refere à cor, segundo o Censo de 1991, do total da população branca masculina, 50.3% eram chefes, proporção que corresponde a 54.1% para os homens negros. Esse percentual cresce para 56.9%, segundo a PNAD-98, para os homens brancos e diminui para os negros, chegando apenas a 50.8%. No conjunto das chefias masculinas brancas, as monoparentais representaram 2.0%, em 1991, e 2.3%, em 1998, segundo as mesmas fontes, valores estes inferiores aos correspondentes às chefias negras, que foram iguais, pela ordem, a 2.5% e 3.2%.

Tabela 13
DISTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO MENSAL
(EM SALÁRIOS MÍNIMOS) DA CHEFIA DE MONOPARENTAL.
BRASIL, 1998.

| Tamanho da família ^a | Chefia feminina | | | | | Chefia masculina | | | | |
|---------------------------------|-----------------|------|-------|------|-------|------------------|------|-------|------|-------|
| | SR | 1 a | | | Total | SR | 1 a | | | Total |
| | | < 1 | -2,99 | >= 3 | | | < 1 | -2,99 | >= 3 | |
| | SM | SM | SM | | SM | SM | SM | SM | | |
| 2 | 19,9 | 28,0 | 29,7 | 22,5 | 100,0 | 6,9 | 24,2 | 34,5 | 34,4 | 100,0 |
| 3 | 13,7 | 28,4 | 31,3 | 26,6 | 100,0 | 7,9 | 20,7 | 33,9 | 37,5 | 100,0 |
| 4 | 13,1 | 29,8 | 34,5 | 22,7 | 100,0 | 5,4 | 23,9 | 33,0 | 37,7 | 100,0 |
| 5 | 13,9 | 31,8 | 35,8 | 18,5 | 100,0 | 5,8 | 26,7 | 29,5 | 38,0 | 100,0 |
| 6 | 15,0 | 34,3 | 35,2 | 15,6 | 100,0 | 5,7 | 22,1 | 47,8 | 24,5 | 100,0 |
| 7+ | 14,8 | 35,7 | 37,1 | 12,4 | 100,0 | 9,0 | 46,3 | 24,8 | 20,0 | 100,0 |
| Total | 16,2 | 29,0 | 31,7 | 23,1 | 100,0 | 6,9 | 23,8 | 34,0 | 35,3 | 100,0 |

Fonte: Fundação IBGE, PNAD de 1998; Tabulações Especiais, NEPO-Unicamp, 2001.

RESUMINDO

1. As chefias femininas crescem no país como um todo, nas cinco grandes regiões, no urbano e no rural.
2. Crescem também os arranjos do tipo monoparental, no país como um todo e nas cinco grandes regiões.
3. A grande maioria das chefias femininas continua sendo do tipo monoparental, seguidas de mulheres que moram sozinhas, situação presente tanto nas cidades quanto nas áreas rurais.
4. Aumenta a proporção de mulheres chefiando a casa, mesmo na presença do marido ou companheiro, fenômeno este tipicamente urbano.
5. Vem declinando o peso relativo das monoparentais nas chefias femininas e aumentando nas masculinas, guardadas as grandes diferenças de níveis.
6. A maioria das chefias femininas monoparentais é constituída por mulheres separadas ou divorciadas, seguidas por viúvas e estas, por solteiras.
7. As chefes de monoparentais são mais jovens do que as que chefiam outros tipos de arranjos familiares e mais velhas do que as que vivem com maridos, com ou sem filhos.
8. As chefes de monoparentais apresentam um grau de analfabetismo superior ao da população feminina em geral e inferior ao das mulheres chefes de outros arranjos.

9. As mulheres sem marido ou companheiro e com filhos são muito pobres. Praticamente cinqüenta por cento vivem sem rendimento ou com menos de um salário mínimo.
10. As chefias femininas negras apresentam proporção de monoparentais superior à apresentada pelas chefias brancas.
11. As chefes negras possuem escolaridade mais baixa do que as brancas.
12. Há mais mães solteiras chefiando monoparentais entre as mulheres negras.
13. O tamanho médio das famílias monoparentais chefiadas por mulheres é maior do que o das chefes de outros arranjos.
14. As famílias monoparentais negras são maiores do que as brancas e em ambas o tamanho diminui com o aumento da escolaridade.
15. As separadas e viúvas chefiam famílias maiores do que as chefiadas por solteiras.
16. As chefes de monoparentais mais pobres são negras, analfabetas, situação acentuada entre as mães solteiras.
17. Os chefes de monoparentais têm escolaridade menor do que as chefes desse mesmo tipo de arranjo.
18. Predominam os viúvos dentre os chefes de monoparentais.
19. O tamanho médio das famílias monoparentais chefiadas por homens não difere daquele das chefiadas por mulheres.
20. Para um mesmo tamanho de família monoparental, as chefiadas por mulheres são mais pobres do que as de chefia masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, C. Sozinhas ou mal acompanhadas: a situação das mulheres chefes de família. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1, 1978, Campos do Jordão. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1978.
- BERQUÓ, E. *Pirâmide da solidão?* Águas de São Pedro, 12-16/10/1987. (mimeo) [Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais]
- _____. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: NOVAIS, F. A. (coord.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Capítulo VI, p. 411-438. (História da Vida Privada no Brasil, 4)
- BERQUÓ, E., OLIVEIRA, M.C. A família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes. In: ANPOCS. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 30-64.

- BERQUÓ, E., CAVENAGHI, S. Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1988, Olinda. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, v. 1, 1988.
- BERQUÓ, E., LOYOLA, M. A. A união dos sexos e estratégias reprodutivas no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1-2, jan./dez. 1984.
- BERQUÓ, E., OLIVEIRA, M. C., CAVENAGHI, S. M. Arranjos familiares “não canônicos” no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 7, 1990, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, v. 1, out. 1990.
- BERQUÓ, E., OLIVEIRA, M. C. Casamento em tempo de crise. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, jul./dez. 1992.
- CASTRO, M. G. Gênero, geração e raça: famílias matrifocais pobres no Brasil. In: INTERNATIONAL UNION FOR THE SCIENTIFIC STUDY OF POPULAÇÃO. *El poblamiento de las Américas*. Veracruz, v. 3, 1992, p. 369-408.
- _____. *Family, gender and work: the case of female heads of household in Brazil (States of São Paulo and Bahia), 1950-1980*. Gainesville, 1989. Tese (Doutorado) University of Florida.
- GREENE, M. A compressão do mercado matrimonial e o aumento das uniões consensuais no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, jul./dez. 1992.
- MADEIRA, F., WONG, L. Responsabilidades precoces: família, sexualidade, migração e pobreza na Grande São Paulo. Campinas, 1988. [Apres. Seminário A Família dos Anos 80 — Dimensões do Novo Regime Demográfico, 1988. Campinas: NEPO-Unicamp/ANPOCS, 18-19/08/1988].
- MERRICK, T., SCHRINK, M. Female-headed households and urban poverty in Brazil. In: WORKSHOP ON WOMEN IN POVERTY — WHAT DO WE KNOW. Belmont, Conference Center, 30/04 a 02/05/1978.
- OLIVEIRA, M. C. Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiros em São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO, 8, 1992, Brasília. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, v. 2, 1992.
- OLIVEIRA, M. C., BERQUÓ, E. The family in Brazil: demographic analysis and recente trends. In: INTERNACIONAL UNION FOR THE SCIENTIFIC STUDY OF POPULATION (IUSSP), 1988. *Anais...* Tóquio, Sessão 4, nov./dez. 1988.
- SCOTT, R. P. Mulheres chefes de família: abordagens e temas para as políticas públicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2000.